



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

FERNANDA CRISTINA DOS SANTOS

(depoimento)

2014

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA



Projeto: Garimpendo Memórias

Número da entrevista: E-491

Entrevistada: Fernanda Cristina dos Santos

Nascimento: 16/06/1990

Local da entrevista: CEMEF – EEFFTO - UFMG

Entrevistador: Christiane Garcia Macedo

Data da entrevista: 17/11/14

Transcrição: Leila Carneiro Mattos

Copidesque: Christiane Garcia Macedo

Pesquisa: Christiane Garcia Macedo

Revisão Final: Silvana Vilodre Goellner

Total de gravação: 46 minutos e 13 segundos

Páginas Digitadas: 11 páginas

Observações:

A entrevistada realizou algumas alterações após a leitura da entrevista transcrita.

Entrevista realizada para a produção da pesquisa de autoria de Christiane Garcia Macedo intitulada *Centros de Memória da Educação Física e dos Esportes nas Universidades Federais*.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

Sumário

Envolvimento com o Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais (CEMEF); Etapas de organização do acervo institucional; Rotina de trabalho no CEMEF; Pesquisa; Temática das pesquisas desenvolvidas; Autores e referenciais; Metodologia; Meios de divulgação científica; Papel do CEMEF na sua trajetória; Registro final da entrevistada.

Belo Horizonte, 17 de novembro de 2014. Entrevista com Fernanda Cristina dos Santos no CEMEF a cargo da pesquisadora Christiane Garcia Macedo para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

C.M. – Muito obrigada pela sua entrevista. Eu queria que você começasse contando como você se envolveu com o CEMEF¹?

F.S. – Acho que tem seis anos que eu estou no CEMEF, desde o início da minha graduação, acho que desde o meu primeiro período. A área da História sempre foi uma área que me interessou muito, além da própria Educação Física. E quando eu entrei na Universidade² para fazer a graduação em Educação Física que eu descobri que tinha o CEMEF eu logo me aproximei do grupo. Na época eles tinham reuniões semanais de estudo e discussão, hoje em dia as nossas reuniões continuam sendo semanais, mas com temáticas diferenciadas. Então, logo eu entrei no grupo e poucos meses depois saiu um edital com uma bolsa de iniciação científica, eu participei do processo e entrei como bolsista de iniciação científica orientada pela professora Meily³. Inicialmente o meu trabalho nesse projeto foi estudando no curso de pós - graduação que aconteceu aqui na Escola⁴ na década de 1970, e a temporalidade da Ditadura Militar sempre foi uma temporalidade que me chamou bastante a atenção. Então quando eu me deparei com essa documentação, que a gente já vinha trabalhando com o processo de higienização e organização dos fundos, eu participei muito disso, de ir lá no que a gente chama de arquivo morto, pegar as caixas todas bagunçadas com uma documentação muito detonada mesmo e fazer todo o processo de higienização e acondicionamento prévio para tirar do estado em que elas estavam, que era um estado de muita periculosidade para os documentos mesmo, tinham documentos muito deteriorados e a gente fazia a limpeza, a higienização e uma classificação mínima dos documentos, que depois o pessoal que foi trabalhar mesmo com as questões da arquivologia é que fizeram essa classificação pautada nas questões arquivísticas, como eu era pesquisadora eu fazia outra coisa, eu tinha outra função. Então,

¹ Centro de Memória da Educação Física, do Esporte e do Lazer, da Universidade Federal de Minas Gerais.

² Universidade Federal de Minas Gerais.

³ Meily Assbú Linhales.

⁴ Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais.

o meu primeiro contato com o CEMEF foi esse, eu já entrei logo no início da graduação, logo com uma bolsa de iniciação científica.

C.M. – Quando é que você se formou?

F.S. – Eu me formei no final do ano passado, no final de 2013.

C.M. – Além desse projeto de iniciação científica você se envolveu com algum outro projeto?

F.S. – Sim! Então, aí eu fiquei no CEMEF, fui para outros lugares da Universidade com outras experiências também, mas sempre dentro do CEMEF de alguma forma participando das reuniões e tudo mais. E, no meio dessa documentação sobre esse projeto de especialização em biomecânica, tinha uma outra documentação sobre um projeto chamado “Projeto Brasil” que era um projeto que foi feito bem na década de 1970 a nível nacional que possibilitou aqui na Escola, por exemplo, a criação de novos laboratórios da fisiologia do exercício, como aconteceu em outras Universidades do Brasil e aí era uma temática que também me interessava bastante pela temporalidade, porque pela proposta do projeto que era de traçar um perfil da população brasileira, que tinha umas questões muito ligadas a coisas que me interessam na área da História da Educação Física e a partir dessa documentação eu desenvolvi a minha monografia, meu trabalho de conclusão de curso e me formei no final do ano passado e aí também foi pelo CEMEF o envolvimento com a documentação de onde eu também tirei o meu tema de mestrado. Eu finalizei agora o processo de seleção de mestrado com o tema tirado lá da minha iniciação científica de toda essa documentação que eu venho trabalhando no CEMEF. E formando eu tive a possibilidade de vir trabalhar como apoio técnico e do outro lado do muro, vamos dizer assim, eu era pesquisadora, chegava no arquivo com o arquivo bonitinho, pronto, só pedia a caixa, com aquilo que eu queria pesquisar e agora eu trabalho com a organização de arquivos. Então, eu costumo dizer que isso é uma experiência muito interessante, muito bacana, porque o pesquisador às vezes chega no centro de documentação e acha que aquele documento esteve arrumadinho daquele jeito desde sempre, e hoje estando do outro lado, tendo que estudar outras coisas, mais relacionadas à área da arquivologia, pensando na organização dos documentos, na feitura dos fundos e tal, eu experencio que é uma coisa

que dá muito trabalho, um trabalho tremendo, é muito complexo, eu costumo brincar que é um trabalho muito pensante de investigar uma lógica que o arquivo tem, sobre os parâmetros de um campo, de uma área de conhecimento, que eu não tinha nenhuma aproximação que era a arquivologia. Então eu tive que estudar, para saber quais eram os princípios arquivísticos para a organização dos documentos e hoje eu trabalho com o que a gente chama de “Arquivos Pessoais de Professores” que é um novo projeto da Meily.

C.M. – E você lembra mais ou menos em que época o pessoal da arquivologia veio?

F.S. – Na verdade, eu acho que o CEMEF tem uma parceria com o pessoal da arquivologia desde o início das atividades dele, principalmente ligado ao professor Adalson⁵ que é lá da Escola da Ciência da Informação e logo depois que eu vim para cá, eu cheguei aqui em 2009, a Thaís⁶ chegou também. Ela veio fazer um estágio aqui e acho que acabou fazendo a monografia dela também com o CEMEF. A Thaís hoje é a nossa arquivista e ficou, se formou e continua aqui conosco. Mas a parceria do CEMEF com o pessoal da arquivologia e da museologia também, lá com a Verona⁷, é desde o início do CEMEF, dos primeiros movimentos do CEMEF de querer organizar esse arquivo que começou com a doação do arquivo institucional, o arquivo da própria Escola de Educação Física, desde a sua criação 1952 até a década de 1980, que é quando os outros dois cursos dessa escola foram incorporados que é o Curso de Fisioterapia e o Curso de Terapia Ocupacional. Então por isso que a gente trabalha aqui com a data de criação que é de 1952 até 1980, que são os documentos só da Escola de Educação Física.

C.M. – E você pode descrever para mim quais as etapas de uma organização desse acervo até ele estar lá prontinho e o pesquisador utilizar?

F.S. – É, a minha experiência atual é com os arquivos pessoais. Os institucionais que são da própria escola, esses documentos que eu falei que a gente foi pegar lá nesse arquivo morto, cheio de caixas que estavam todas empilhadas, os documentos estavam muito ruins, então o primeiro movimento é tirar eles desse lugar assim de deterioração. Então a gente higieniza mesmo, a gente usa uma espécie de espanador para limpar o documento, também

⁵ Adalson de Oliveira Nascimento.

⁶ Thaís Nodare de Oliveira.

⁷ Verona Campos Segantini.

tiramos grampos e todo o material que pode danificar e prejudicar a conservação do documento, grampo, clips... É limpar o documento mesmo. O documento para ele ser classificado você tem que saber do que se trata o conteúdo e aí ele vai ser classificado, o que a gente chama de um quadro de arranjo com funções, sub-funções, séries, sub-séries de acordo com o quadro de arranjo específico para cada tipo de fundo de arquivo que é encontrado. Por exemplo, o quadro de arranjo do arquivo institucional, do nosso fundo institucional é diferente do quadro de arranjo do nosso arquivo pessoal de professores, então cada conjunto documental ele requer um tipo diferente de quadro de arranjo, que normalmente são baseados nas funções, basicamente as funções é o tipo de atividade do qual o documento diz, atividade de administração, atividade de ensino. Por exemplo, no caso dos professores que a gente organizou por último, tinha lá a atividade de “ensino do professor”, esse professor, particularmente, ele tinha uma atividade de colecionamento muito grande, então, a gente tem uma serie chamada colecionamento onde ele guarda recortes de jornal, então, tem a ver com a função que aquele documento diz, a função tem objetividade mesmo.

C.M. – E, vocês fazem um inventario primeiro, ou seguido da higienização, fazem o arranjo?

F.S. – Nessa parte da classificação dos documentos é feito o inventário dos fundos e o quadro de arranjo ele é incluído dentro do inventário. Porque o inventário é toda a descrição da documentação e aí a gente descreve documento a documento, e depende de cada conjunto. Tem arquivos institucionais, por exemplo, em atividade ele tem mais decomposições do que o pessoal, colocamos a localização e uma breve descrição do documento. É a descrição de documento a documento, que é feito e por último é feito a numeração, a gente numera toda a documentação do CEMEF, ela é numerada para não correr o risco de embaralhar na consulta, assim, por ventura, embaralhar e não tirar a documentação da ordem dela, seguindo os princípios da arquivologia, da ordem que a gente chama de ordem original e tudo mais. Aí eles são acondicionados em pastas seguindo essa lógica da documentação, mais próximo possível daquilo que ela foi encontrada, também seguindo o princípio da ordem da proveniência, princípio da arquivologia e depois as pastas recebem as suas numerações, recebem numeração de caixa e pasta, mas também ela recebe numeração de localização que isso foi feito com o pessoal

da arquivologia, a Thaís, Adalson, Gisele⁸, o pessoal da extensão que trabalha diretamente com arquivo e acondicionado em caixas.

C.M. – Polionda?

F.S. – Isso, os nomes específicos de material eu não conheço, e são acondicionadas na nossa reserva técnica que tem um sistema de umidificação que tem o sistema Climus, que é o sistema de umidificação e controle de temperatura e os documentos ficam constantemente a vinte graus. A gente tem uma organização, tem a etiqueta das caixas a gente tenta separar os fundos por cores diferentes de caixa, o fundo institucional é caixa azul, o fundo institucional dois é caixa vermelha, os arquivos pessoais de professores são caixas amarelas normalmente para dar uma inteligibilidade para o acervo do CEMEF.

C.M. – Quem é responsável pela organização, quem coordena?

F.S. – A coordenação de acervo hoje ela é da professora Meily, em conjunto com o Adalson e a Thaís. Recentemente, eu e a Thaís a gente trabalhou a política de acervo do CEMEF, então, hoje o CEMEF tem uma política de acervo e dentro dessa política de acervo a gente tem uma comissão técnica de acervo que é uma comissão responsável por todas as tomadas de decisões referentes ao acervo. Hoje essa comissão é composta pela professora Meily e pela professora Maria Cristina Rosa que são as duas coordenadoras do CEMEF, o professor Adalson que é da Ciência da Informação e a Thaís como arquivista. Então todas as decisões referentes ao acervo do CEMEF, captar documentos, receber qualquer tipo de documentação, tomar qualquer tipo de decisão relacionada ao acervo é com eles.

C.M. – E, como você se formou para trabalhar nesse acervo, você fez cursos, você fez leituras, alguém daqui te acompanhou nesse processo?

F.S. – Então a gente tem assim, não sei se é um privilégio, mas eu acho que é uma sorte muito grande de ter a Thaís com a gente. A Thaís é formada em arquivologia, então, eu acho que isso favorece muito o trabalho no CEMEF e muito o trabalho de quem vem para

⁸ Gisele Oliveira de Almeida.

cá. Porque a grande maioria dos bolsistas é da Educação Física, não tem nenhum contato prévio com nada referente a arquivologia, então tudo o que a gente aprende na arquivologia é aqui dentro do CEMEF. Então a minha preparação foi através de leituras mesmo, leituras de referenciais da arquivologia fundamentalmente, a Thaís ajuda muito nisso, nas próprias conversas e reuniões com os grupos específicos que trabalham com os arquivos pessoais de professores. A gente tem reuniões quase que semanais, então a gente discute textos, a Meily também vem estudando muito sobre isso, o que também facilita muito para gente. Mas a grande maioria dos bolsistas é da Educação Física, acho que só a Thaís mesmo que não é, então, a gente aprende mesmo é com as leituras da área da arquivologia e sempre que tem eventos aqui em relação a isso na própria Ciência da Informação ou nos outros Centros de Documentação da UFMG ou na própria Biblioteca Central, a gente está sempre procurando participar, para ver como a gente está balizando o nosso trabalho aqui no CEMEF e o que eu tenho percebido em contato com as pessoas de fora, com os outros centros de documentação, é que o CEMEF de fato ele tem conseguido fazer um trabalho que eu acho que eu posso dizer que está até um pouco a frente dos outros Centros de Memória e de Documentação da Universidade. A gente tem construído uma estrutura que muita gente que chega aqui indica que a gente está bem preparado para lidar com essas questões da guarda de documentos.

C.M. – Você citou os grupos de estudo, esses grupos eles são grupos de trabalho e grupos de estudo? E o que são estes estudos? É todo mundo do CEMEF, são grupos separados?

F.S. – A gente tem encontros semanais com temáticas diversas, por vezes são encontros de estudo tem um texto em comum para toda a comunidade do CEMEF, por vezes são encontros que a gente convida um professor, algum profissional para conversar com a gente sobre questões da História da Educação Física, sobre questões da própria organização documental, mas hoje os grupos de estudo mesmo do CEMEF eles são os grupos de estudo de cada professor. Porque o CEMEF ele trabalha com uma gama diversa de temáticas relativas à História da Educação Física, História da Educação do Corpo, então cada professor tem o seu grupo de estudo. A Meily tem o grupo de estudo dela, o Taborda⁹ tem o grupo de estudo dele, a Andrea¹⁰ tem o dela, o Tarcísio, o Tatá, tem o dele e a Cris¹¹

⁹ Marco Aurélio Taborda de Oliveira.

¹⁰ Andrea Moreno.

tem o dela também, com temáticas diferentes. Então os estudos, as pesquisas e os grupos do CEMEF eles tem acontecido nesse âmbito, que eu vou chamar de mais restrito, porque são grupos focados em determinadas temáticas, mas que em algum momento a gente trás sempre essas temáticas para uma discussão comum, que é a comunidade do CEMEF entorno História da Educação Física e da História do Corpo das práticas corporais.

C.M. – Você tem participado de algum desses grupos restritos?

F.S. – Eu sou do grupo da Meily que trabalha com modelos pedagógicos e formação de professores dentro e fora da instituição escolar. É onde também eu tenho buscado desenvolver as minhas pesquisas e inclusive a minha pesquisa de mestrado

C.M. – Vocês tem feito trabalho com acervo de outras instituições, por exemplo, dar apoio para algum clube esportivo, organizar o seu acervo? Ou tem trazido algum acervo para cá para ser organizado e devolvido a instituição?

F.S. – Eu sei que o CEMEF tem algumas obras especiais do Instituto Federal de Muzambinho, que estão com a gente aqui para tratamento. São livros, livros raros para a Educação Física e o CEMEF ele desenvolve parceria com alguns Centros de Memórias por questões, por exemplo, de digitalização de documentos, para a própria realização de exposições, então, tem esse diálogo. Por exemplo, com o Centro de Memória do Minas Tênis Clube, eles digitalizaram alguns documentos. O CEMEF também acaba cedendo algum tipo de material para as exposições deles e com o APM, o Arquivo Público Mineiro, que também faz algumas trocas nesse sentido de prestar algum serviço de digitalização de imagem, de filme.

C.M. – Mas, em termos de organização de acervo não?

F.S. – Não! Que eu tenha conhecimento não, talvez a Thaís saiba te responder isso melhor, mas que eu tenha conhecimento não, de organização de acervo não, é mais em relação àquelas coisas de serviço acho que pelos contatos que o professores tem, que o pessoal tem, com outros acervos com outros Centros de Memórias das Cidades.

¹¹ Maria Cristina Rosa.

C.M. – Ok! Sobre o dia a dia do trabalho, como você descreveria o dia a dia de trabalho, porque é uma equipe muito grande, então como é que vocês se organizam aqui?

F.S. – É uma equipe grande, são muitos bolsistas, então cada um se atem aquele projeto que está vinculado. Os bolsistas de extensão, por exemplo, que é a Laura¹², o Igor¹³ e a Gisele, eles estão vinculados... A Gisele está aqui a bastante tempo eu acho que seria interessante você também falar com ela, porque a Gisele desde o início que ela está aqui, ela está muito envolvida com o processo de organização do acervo, ela tem muito conhecimento mesmo. Então, eles estão vinculados, por exemplo, a organização do acervo institucional, eles se atem ao trabalho com o acervo institucional. Eu, por exemplo, estou vinculada com a organização dos arquivos pessoais de professores, eu como bolsista de apoio técnico e Najela como bolsista de iniciação científica. Então, a gente se envolve preferencialmente, quase que integralmente com esse tipo de acervo. E a Thais, pelo lugar que ela ocupa de arquivista, ela tem que transitar um pouco por todos esses lugares, porque a supervisão é dela. Os bolsistas são divididos pela vinculação deles a determinados projetos, porque o processo de organização do arquivo CEMEF, ele é dado por projetos, tanto de projetos de pesquisa, quanto por projetos de extensão.

C.M. – E vocês tem horários a cumprir nesses projetos?

F.S. – Cada bolsista tem horários a cumprir de acordo com a sua carga horária, uns tem vinte horas semanais, eles cumprem vinte horas semanais, com uma agenda feita no início do semestre, com seu horário certo ao longo do semestre. Isso é conversado sempre com a coordenação no caso a Meily e a Cristina. O meu horário é quarenta horas semanais então, também cumpro quarenta horas semanais de acordo com o que eu combinei com elas e com a coordenação no início da minha bolsa, do meu trabalho.

C.M. – E dentro desse horário de quarenta horas e vinte horas, as pessoas elas passam pelas atividades de pesquisa e de grupo de estudo também ou essa parte de pesquisa é feita para além desse horário?

¹² Nome sujeito a confirmação.

¹³ Igor Maciel da Silva.

F.S. – Então, aqui no CEMEF de bolsista de apoio técnico só tem eu, trabalhando dentro do CEMEF. A professora Andrea tem outra bolsista de apoio técnico, mas sempre foi na área de educação.

C.M. – Os bolsistas de extensão também?

F.S. – Tenho certeza que a coordenação, os professores tem muita compreensão de que esse é um trabalho feito em diversas vias, a qualificação do trabalho ele é feito de diversas maneiras. Então, essas reuniões de estudo, as pesquisas, elas estão sempre envolvidas dentro do trabalho que se tem com o acervo, então as sextas-feiras à tarde, que é o dia do nosso encontro, ninguém está trabalhando no acervo esta toda mundo na reunião de estudo. Eu, por exemplo, faço uma disciplina na pós-graduação também como parte do meu trabalho de bolsista dentro do CEMEF. Então acho que tem essa visão muito clara que o processo de formação ele não é feito só no trabalho em si, na prática e no colocar a mão na massa, mas tem todo o processo de discussão conceitual e de reflexão que envolve o trabalho e ele está dentro desse trabalho dos bolsistas desde que a gente entra aqui no CEMEF.

C.M. – Agora sobre a produção mais especificamente, qual a aporte teórico você tem trabalhado?

F.S. – Eu tenho trabalhado com a micro-história baseada no Jacques Revel. E uma característica dos meus trabalhos é tentar compreender uma prática específica, um lugar específico, com sujeitos singulares é na perspectiva de compreender o macro, que é um pouco dessa perspectiva da micro-história. Então é mais por esse lado que a gente tem trabalhado e, por exemplo, as pesquisas da Meily com a questão dos modelos pedagógicos que é uma coisa que a gente tem buscado falar disso, percorrido esse caminho com o referencial da Marta Carvalho de modelos pedagógicos, práticas culturais, que vão conferir sentido e significado para determinadas práticas escolares.

C.M. – Que metodologias você tem utilizado?

F.S. – Basicamente, contato com a documentação textual do CEMEF e tenho trabalhado também com a história oral.

C.M. – Onde você tem divulgado seus trabalhos, em quais eventos ou revistas?

F.S. – Os meus trabalhos em eventos da área da Educação Física como o CONBRACE¹⁴, mas mais em eventos relacionados à História da Educação, então, o Congresso Brasileiro de História em Educação, o Congresso Mineiro, mais na área da História da Educação. No próprio Seminário do CEMEF que tem ganhado proporções cada vez maiores nos últimos anos. Eu aqui tive oportunidade de participar de uns três seminários, desde que eu estou aqui, ele tem ganhado essa proporção maior, mas acho que por como a nossa área de Educação física se configura, eu tenho me apresentado mais na área da Educação no Congresso de História da Educação.

C.M. – Você teria alguma memória marcante para sua trajetória vivenciada no CEMEF?

F.S. – Não sei se tenho um momento marcante no CEMEF, mas eu acho que o CEMEF, ao longo da minha vida acadêmica, e acho principalmente por eu não ser aqui de Belo Horizonte, ele acabou se tornando uma segunda casa para mim. Porque as pessoas com quem eu convivo aqui, são pessoas de um convívio longo, tem muitos anos, eu brinco que eu sou uma das dinossauras do CEMEF. Que tem muito tempo que eu estou aqui, as minhas amigas, a minha própria formação como professora de educação física e como pesquisadora da História da Educação Física, é perceptível os saltos que a gente dá e as coisas que a gente aprende, tanto para a carreira quanto para a vida. Mas eu acho que principalmente as relações que a gente estabelece, que são relações de muita amizade assim, e agora passando essas quarenta horas semanais é uma imersão exclusiva no CEMEF, eu estou só aqui, então, essa aproximação ela é muito maior. E ter a possibilidade de ter contato com áreas que dificilmente eu teria em outro tipo de experiência dentro da área de Educação Física, por exemplo, contato com a própria arquivologia, contato com a questão da organização de documentos, de compreender qual que é a complexidade disso, de participar de eventos que talvez se você não tivesse aqui dentro, não teria essa possibilidade, como eventos da História da Educação. E uma coisa que eu acho muito

¹⁴ Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte.

bacana assim, é a possibilidade da quantidade de lugares que eu pude conhecer estando dentro do CEMEF, como a minha produção ela é toda vinculada ao CEMEF, vinculada a História da Educação Física, eu já tive a oportunidade de viajar para muitos lugares, isso é muito bacana. Por um trabalho que é meu, mais talvez eu não tivesse tido essa oportunidade, se eu não tivesse encontrado esse lugar e não tivesse aqui o incentivo e o apoio que eu tenho para fazer as coisas que eu gosto, mais do que aquela loucura de produzir, eu acho muito bacana isso aqui dentro do CEMEF, a possibilidade que a gente tem de compreender o quão é importante a gente conferir sentido para as coisas que a gente faz. E aí não só como um incentivo, vamos dizer assim, de as pessoas falarem com você, mas agente vê isso no CEMEF, os professores que trabalham no CEMEF, o quanto do trabalho deles, aqui dentro é importante para a construção, não só da carreira, mas da vida deles enquanto professores, enquanto pesquisadores, para o lugar que eles escolheram ocupar na Universidade e dentro da sociedade. Então não é um exemplo só de falar, mas é um exemplo de ver também e para mim, acho que é uma das coisas mais legais que o CEMEF trouxe, e também acho que o meu olho brilha quando eu falo da História da Educação Física é uma coisa pela qual eu sou muito apaixonada. O CEMEF é uma experiência de vida muito interessante para mim.

C.M. – Então, tem mais alguma coisa que você gostaria de registrar?

F.S. – Não, não sei se eu atendi as expectativas, se consegui responder todas as questões.

C.M. – Sim, sim, então tá muito obrigado.

[FINAL DA ENTREVISTA]